

O PAPEL DO PEDAGOGO ANTE A VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Luiz Carlos dos Santos

Constata-se que a violência é um fenômeno mundial de natureza psicossocial que atinge todas as instituições públicas, privadas e entidades do terceiro setor. É um tema constante e contínuo nos noticiários, quer nos jornais, quer na televisão ou ainda em programas de rádio.

Entende-se, também, que a violência poder ser considerada como mecanismo de defesa que se caracteriza pelo comportamento de ações tendentes a atacar, a opor-se a situações, a ser contra os fatos. Nessa perspectiva, denota um enfrentamento das dificuldades, o que pode ser considerado uma característica humana positiva. Mas, por outro lado, a violência pode ainda ser entendida como um comportamento intencional, cuja finalidade é causar dano a outrem, como assevera Lima (1970).

De acordo com Fajardo et al (2006), Nogueira (1986), Lima (1970) e SEARS (1970), são muitas as causas que envolvem o problema da violência. Ela pode se originar de uma frustração ou de um recalque; do instinto, de uma contrariedade ou de um ataque; pode ainda surgir do aprendizado de condutas, o que se evidencia do meio social em que se insere o indivíduo.

O fato é que, fruto de diferentes causas ou motivos, a violência humana está presente nos vários segmentos da vida humana e, a escola, como uma instituição social, não está livre desse fenômeno. Observa-se que o comportamento anti-social da criança, do pré-adolescente e do adolescente na escola é relevante por se tratar de tema que preocupa toda a sociedade, não só os educadores. Enfim, trata-se de uma problemática que sempre existiu, mas que vem se agravando juntamente com a crise sócio-político-econômica em que vive o País, revelando uma expressiva desigualdade e exclusão social.

Diante do exposto, pergunta-se: qual o papel do pedagogo nesse contexto? Registre-se que, no imaginário social, a escola deixou de ser vista como um universo protegido da violência que afeta a sociedade contemporânea, notadamente em áreas urbanas, a exemplo das favelas. Nestas, vive-se em sobressalto e, muitas vezes, sob o “toque de recolher”, sem que o cidadão tenha o direito de ir e vir para o trabalho ou para a escola e mesmo brincar no quintal de casa. Deduz-se que esta repressão acaba por servir como reflexo negativo para o aluno, que põe em funcionamento um processo identificatório, na adoção da violência como estilo de vida. Observa-se que práticas violentas já banalizadas por uma sociedade marcada pela

marginalização, como um certo modo violento de se relacionar com o outro ou com o patrimônio público, adentram também na escola, muitas vezes dominada pelo clima de insegurança e medo, que afirma Zaluar (1992).

Cabe ao pedagogo, observar a violência na escola também manifestada em situações sutis, como atos de discriminação, preconceito, exclusão ou violência simbólica, muitas vezes cometida pela própria instituição educativa. É importante destacar que a escola não é só o lugar onde explode a violência; ela participa, também, de sua gênese exercendo sobre os indivíduos algum tipo de pressão. Afinal, o aluno é duplamente sacrificado, pois em primeiro lugar a sua exclusão é o resultado da violência feita contra a educação, porque a escola impossibilita o não aprendizado de valores morais, políticos e culturais; em segundo lugar, porque, não aprendendo esses valores, torna-se excluído da sociedade humana e livre, plural e democrática.

Infere-se, portanto, que o pedagogo deve ser um eterno observador e pesquisador. Pesquisador de si mesmo, dos alunos e de teorias que o ajudem a ajudar alguém a desejar e querer aprender. Aprender não só conteúdos intelectuais, mas, e principalmente, aprender para a vida, aprender a se comportar para um convívio humano junto a outros indivíduos.

Concernentemente à observação, o pedagogo deve atentar para as brincadeiras espontâneas durante o recreio, pois isso ajuda na leitura deste contexto cultural. Nessa linha, segundo Farjado et al (2006), uma das brincadeiras comuns hoje no ambiente escolar é a “pedala, Robinho”. Nesta um dos alunos bate na nuca de um colega dizendo este refrão; o colega então é alvejado por várias tapas na nuca e em outras partes do corpo, com a participação de todo o grupo de alunos que esteja presente e por quem mais entrar na brincadeira que se transforma, assim, numa pancadaria generalizada.

Portanto, ao pedagogo, diante da temática em foco, urge uma promoção radical da reflexão acerca das práticas educacionais, objetivando contemplar as questões relativas ao mundo dos entes envolvidos no processo ensino-aprendizagem; em suma, as circunstâncias de vida dos estudantes que a escola atenderá, pois, o Homem é um Ser social. Assim, ouvir o indivíduo, ter atenção à sua historicidade como também ao meio ambiente em que ele se desenvolve e adequar o conhecimento adquirido à sua realidade são fatores imprescindíveis para minorar tantos conflitos, violências e desinteresse pelas atividades programadas.

Conclui-se, pois, que cabe ao pedagogo/educador, como um ente consciente de tal “tragédia” social, procurar perceber, primeiramente, a circunstância correspondente à vida ou ao mundo dos jovens para, somente a partir daí, planejar, executar e avaliar qualquer tipo de intervenção pedagógica.